

Regional

SÃO JOÃO DO GARRAFÃO

Um pedaço da Holanda no Estado

Garrafão, em Santa Maria de Jetibá, se tornou o local preferido dos holandeses que começaram a chegar ao Estado em 1858

Julio Huber

Os mais conhecidos relatos sobre holandeses no Espírito Santo são sobre a batalha entre piratas da Holanda que tentaram invadir o Estado, por Vitória, no ano de 1625, e foram impedidos por um grupo de mulheres liderado por uma jovem de 21 anos, Maria Ortiz.

Elas jogaram água fervendo, carvão em brasa e pedras nos piratas, que depois foram combatidos por soldados portugueses.

Entretanto, outra história sobre holandeses no Espírito Santo ainda é pouca conhecida pelos capixabas. Mais de 200 anos depois da batalha contra os piratas, a partir de 1858, começaram a chegar ao Brasil as primeiras famílias holandesas que vieram em busca de melhores terras para cultivo, já que uma crise se instalava na Holanda.

Das primeiras 700 pessoas, muitas foram para a região de montanha do Estado, entre Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá. Com o passar dos anos, a localidade de São João do Garrafão, dis-

tante 35 quilômetros da sede de Santa Maria de Jetibá, passou a ser a região preferida dos holandeses.

Logo que pisaram em solo capixaba, eles seguiram até o município de Santa Leopoldina, chegando ao local pelo rio Santa Maria da Vitória. Logo começaram a derrubar matas e iniciar plantios. Anos depois, se formaram as comunidades de Holanda e Holandinha, existentes até hoje.

Os holandeses recém-chegados ao Brasil também se espalharam por outras regiões, como em Cachoeiro de Itapemirim, Rio Novo do Sul, além do Norte do Estado e o sul da Bahia. Entretanto, atualmente é em São João do Garrafão que se concentra o maior número de descendentes de holandeses.

Segundo informações do livro "Os Capixabas Holandeses", escrito por Ton Roos e Margje Eshuis, no ano de 1975 havia 33 famílias descendentes de holandeses em Holanda, localidade de Santa Leopoldina. Já em Garrafão, esse número era de 180 famílias.

"A vinda de holandeses para São João de Garrafão se deu, principalmente, porque eles buscavam terras mais parecidas com as do país de origem deles, formado em grande parte por planícies. Em Garrafão, as terras eram mais baixas que as de Santa Leopoldina", contou a descendente de holandeses e professora da Escola Família Agrícola de São João de Garrafão, Leonora Boone Sassemburg.

Sonho de museu holandês

A Escola Família Agrícola de São João do Garrafão, em Santa Maria de Jetibá, foi criada em 1990 para educar filhos dos moradores do distrito. A professora Leonora Boone Sassemburg conta que 20 alunos estudaram no primeiro ano de fundação. Atualmente, a instituição possui mais de 300 estudantes.

De acordo com a diretora, Juarezza Loose Verdin, a escola desenvolve projetos com os estudantes para manter viva a cultura holandesa.

O principal é o grupo de danças, formado por 50 estudantes. A diretora destaca que um dos sonhos da instituição é criar um museu holandês.

"Uma casa que fica em frente à nossa escola era de holandeses.

Ela apenas foi pintada com as cores dos pomeranos, que é azul e branco, pois as tradições acabaram se misturando com o passar dos anos. Nosso sonho é viabilizar a criação de um museu nessa casa, que será uma forma de preservar a história das famílias holandesas", contou.

A escola adota a pedagogia da alternância, ou seja, o aluno fica uma semana em casa e outra, de tempo integral, no colégio.

Foi por meio de um plano de estudo da escola que os alunos constataram que Garrafão não havia sido colonizado apenas por pomeranos e alemães, mas também por holandeses.

A partir daí, iniciou-se um resgate histórico da cultura desses descendentes holandeses.



EQUIPE da Escola Família Agrícola: projetos para preservar as tradições holandesas

CULTURA



FOTOS: JULIO HUBER

Dança com tamancos de madeira

O grupo de danças folclóricas holandesas "Holland Dans", formado por alunos da Escola Família Agrícola de São João de Garrafão, foi criado como forma de manter viva a cultura holandesa na região.

Uma das curiosidades, segundo a coordenadora Ivone Schleiwe Guilherme, é o uso de tamancos de madeira (destaque) vindos da Holanda.

O tamanco era usado antigamente na Holanda como forma de aquecer

os pés, já que o frio era intenso. Essa tradição é retratada em todas as apresentações do grupo, já que os integrantes utilizam o tamanco, que também produz um som característico durante a dança.

Língua corre risco de acabar, dizem mais velhos

Mesmo com a forte influência dos holandeses no distrito de São João do Garrafão, em Santa Maria de Jetibá, antigos moradores temem que a língua original de seus descendentes corra o risco de acabar. Na região, apenas os mais velhos ainda falam o dialeto original dos imigrantes, vindos da região de Zeeland, na Holanda.

Segundo o aposentado Paulo Pedro Alberto Lauvers, de 84 anos, a proibição de se falar alemão, holandês e pomerano durante o período do Nazismo também foi um dos fatores que reduziu o número de pessoas que preservaram a língua.

"Antigamente, meus pais e avós aprenderam a falar o português e pomerano. Com o passar dos anos, o interesse dos mais novos pela nossa língua foi diminuindo".

O aposentado Theodoro Dones, de 75 anos, contou que sua mãe falava apenas a língua holandesa.

"Ela não aprendeu português e nem pomerano. Em casa nós aprendemos o holandês, pois era a única língua falada. Fomos aprender o português e o pomerano quando já estávamos mais crescidos", relatou, ao lado da mulher, Regina Schulz Dones.

Theodoro contou que não acredita mais que a língua seja preservada. "Daqui a algum tempo ninguém mais irá falar a língua de

ossos antepassados. É uma pena, pois a história vai se apagando", lamentou.

Segundo a professora Leonora Boone Sassemburg, a mistura das tradições de outras culturas contribuiu para o desinteresse pela língua. "Com o passar dos tempos, as tradições foram se misturando e os holandeses aprenderam o português e o pomerano, as duas principais línguas locais", observou.

A professora contou que erros cometidos por cartórios também afetam a história dos descendentes. "Muitas famílias são descendentes de holandeses e não sabem. Os cartórios erraram muitos nomes no momento dos registros de crianças. Muitos sobrenomes não se escreve como o original", disse.



REGINA E THEODORO: história

RELÍQUIA



Descendente guarda baú do país de origem

Mesmo com a grande influência de holandeses em São João do Garrafão, distrito de Santa Maria de Jetibá, poucos objetos que pertenciam aos imigrantes são encontrados entre as famílias de descendentes.

O aposentado Pedro Paulo Alberto Lauvers, 84, possui um baú de madeira que, segundo ele, veio em um navio que trouxe os primeiros imigrantes holandeses que chegaram ao Espírito Santo. Ele conta que o baú guardado no quarto de sua casa é um dos poucos objetos preservados da época de seus pais e avós.